

A bordo de sua câmera 8mm, a babá fotógrafa registra a cidade

A bordo de su cámara de 8 mm, la fotógrafa niñera graba la ciudad

On board your 8mm camera, the nanny photographer records the city

Márcia Rodrigues da Costa¹ e Marília Lefèvre Caiuby²

Resumo

Este artigo analisa um filme de 8 mm produzido por Vivian Maier, a “babá fotógrafa”, nas ruas da Chicago. A partir da segunda metade do século 20, com o advento de novas tecnologias, Maier já testava suas composições fotográficas com uma filmadora. Percebe-se que, ultrapassando limites de sua condição social, a fotógrafa demonstra o potencial da sua produção ao acompanhar a evolução da história do audiovisual. Por meio do conceito de complexidade de Edgar Morin, embarcamos com ela a bordo de um trem e, impulsionados por seu olhar, fundamental para vislumbrar possibilidades do registro poético da cidade, percorremos histórias e imaginários. Entendemos que o filme é uma metáfora do olhar de Maier, a nos falar de seu universo - suas subjetividades e sua relação com o cotidiano da metrópole.

¹ Professora substituta na Universidade Federal de Ouro Preto (MG), no departamento de Jornalismo. Pós-doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (UNISO), onde realizou pesquisa de fotografia (auto-retrato) com a Bolsa Capes. Doutor e Mestre em Comunicação Social (2011-2015) pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com pesquisa sobre a relação entre arte e comunicação (Bolsa Capes). É formada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1995) e especialista em História e Historiografia pela Universidade Bandeirantes (SP). Concluiu o período de doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona, entre setembro de 2013 e março de 2014 (Bolsa Capes), com Josep Maria Català, um dos maiores especialistas europeus na área de imagens. É autora do livro *De Pagu a Patricia: o último ato*. Criou a revista cultural eletrônica *Pausa* (<http://revistapausa.blogspot.com>) e colaborou como editora assistente na revista *Communication & Society*, do Post-con da Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: marciarcosta13@gmail.com

² Mestranda em Comunicação e Semiótica pela Puc- SP, especialista em recursos para o ensino de Inglês como língua estrangeira pela Universidade Mackenzie- SP, graduada em Letras pela Universidade do Vale do Itajaí -Univali. Possui experiência em aulas de língua Inglesa e língua Portuguesa para estrangeiros. Ministra aulas de Inglês no curso English Box, Guarujá desde 2001 onde vem desenvolvendo o uso de imagens em aulas de língua inglesa. Dedicou-se, atualmente à pesquisa em processos de criação de obras de arte- cinema e fotografia e no uso de imagens em aulas de idiomas. E-mail: marilia.lefevre@hotmail.com

Recibido: 30 de junio de 2019
Aceptado: 1 de septiembre de 2019
Publicado: 23 de diciembre de 2019

Razón y Palabra

Primera revista digital en Iberoamérica especializada en Comunicología



Pontificia Universidad Católica del Ecuador

Palavras-chave

cinema, fotografia, Vivian Maier, complexidade

Resumen

Este artículo analiza una película de 8 mm producida por Vivian Maier, la “fotógrafa niñera”, en las calles de Chicago. Desde la segunda mitad del siglo XX, con el advenimiento de las nuevas tecnologías, Maier ya estaba probando sus composiciones fotográficas con una videocámara. Se observa que, más allá de los límites de su condición social, la fotógrafa demuestra el potencial de su producción siguiendo la evolución de la historia audiovisual. A través del concepto de complejidad de Edgar Morin, la abordamos en un tren y, guiados por su mirada, que es fundamental para vislumbrar las posibilidades del registro poético de la ciudad, revisamos historias e imágenes. Entendemos que la película es una metáfora de la mirada de Maier, que nos cuenta sobre su universo, sus subjetividades y su relación con la vida cotidiana de la metrópoli.

Palabras clave

Cine, fotografía, Vivian Maier, complejidad.

Abstract

The present article analyzes an 8mm film shot by Vivian Maier, the so-called “nanny photographer”, in the streets of Chicago. In the middle of the 20th Century, new technologies for photography and film became available, and Maier tested the possibilities of framing in both medias. It is noticeable that the photographer already shows the potential of her future output by trying out new forms of audiovisual equipment, notwithstanding her social condition. By ways of Edgar Morin’s concept of complexity, we approach the photographer/film maker as she boards trains and tell visual stories powered by her visual compositions, which enables new possibilities of poetically registering life in the big city. As we run through her imaginary conceptions, we understand that the film is a metaphor of Vivian Maier’s vision - as such, it tells us of her subjective universe and its relation with the routine of the city.

Key words

Cinema, photography, Vivian Maier, complexity

Introdução

Na segunda metade do século XX, Vivian Maier, conhecida como “a babá fotógrafa”, já mergulhava na imagem em movimento, exercitando sua veia de cineasta pelas ruas de Chicago. Com formação autodidata e munida de equipamento considerado caro para a época (possuía câmeras como a Rolleiflex, a 8 mm e a Super 8mm), registrava cotidianamente cenários urbanos, ambiente usual de sua expressão poética. Partimos da hipótese de que os pequenos filmes que ela produziu são uma metáfora do seu olhar em busca de sentidos e histórias.

Pesquisadores indicam que ela teria escolhido ser babá para exercer a fotografia, já que a profissão a deixaria em contato com as ruas diariamente, durante os passeios com as crianças (Maloof, 2013, s/p). Sua obra, no entanto, ultrapassa o limite da materialização de recordações imagéticas das famílias com as quais conviveu. Acompanhando a evolução tecnológica audiovisual, suas imagens nos permitem enxergar tanto os aspectos subjetivos da sua vida – psicológicos – quanto os sociais, históricos e culturais, o contexto da época que ela registra em sua lente, quando ocorrem as transformações urbanas do pós-segunda guerra mundial.

Enquanto fotógrafa e babá, seu olho mecânico registra cenas cotidianas que capturam a dinâmica da cidade, em contraposição à sua vida solitária. No filme aqui analisado, como uma espécie de *flaneur* com sua câmera em movimento, Maier produz um registro poético da cidade de Chicago.

A metodologia que conduz esse estudo é a da complexidade, com base nas reflexões de Edgar Morin (2001, 2002, 2011), e o conceito principal é a metáfora, que será utilizada para analisar o filme e o olhar de Vivian Maier sobre a cidade, registros que, por sua vez, nos permitem intuir seus interesses cotidianos e suas visões estéticas. Movidos pela complexidade, analisaremos o filme, observando o modo como Maier utiliza sua câmera (movimentos, linguagem cinematográfica e fotográfica), instrumento que media a sua relação com a cidade e reflete sua subjetividade dialogando com o cotidiano em processo de urbanização.

Maier busca registrar o que lhe aparece diante dos olhos, logo, seu olhar mecânico funciona como uma janela (metáfora da imagem) a nos conduzir a um mergulho pela cidade em movimento. Outros

elementos importantes são o trem e a cidade, que instigam a fotógrafa flaneur, instrumentada por transformações tecnológicas, atenta à cidade moderna, seus personagens, suas histórias.

Quando ela embarca no trem e aperta o botão de sua câmera (a linguagem utilizada pela fotógrafa), passamos a acompanhá-la e seguimos para a cidade em seu passeio. Levaremos em conta nessa análise a subjetividade do olhar de Maier, formado por suas características individuais e psicológicas, as imagens que capturam seu interesse, e a forma como são captadas. Deve-se ressaltar que os elementos de análise funcionam apenas como guias para mergulhar em sua obra, já que o conceito de complexidade não implica em estabelecer um modelo rígido e definido de metodologia, conforme apontam os estudos de Josep Maria Català (2005, 2011) sobre a complexidade e a imagem complexa.

Assim, a câmera de Maier expõe uma observadora que se lança a explorar e conhecer as imagens. Seria essa uma forma dessa mulher solitária interagir com o mundo? A relação com o mundo é estabelecida pela interface da câmera, a qual lhe abria o diálogo com o outro, com a cidade.

Sua fotografia já foi intensamente analisada e sua destreza imagética é plenamente estabelecida. Seus filmes, no entanto, ainda não foram objetos de estudos aprofundados, exercício que nos propomos a realizar a partir de um fragmento de 8 mm de sua coleção. Antes, porém, de mergulharmos nas imagens cinematográficas de Maier, propomos uma pequena viagem ao seu universo, de onde emergiu seu olhar.

Desenvolvimento

Sobre Vivian Maier

Vivian Dorothy Maier, nascida em Nova York em 1926 (Maloof, 2013), é hoje reconhecida no mundo como a famosa babá fotógrafa, um nome importante na história da fotografia, cuja obra, segundo Emílio Fraia (2014, s/p), já foi colocada ao lado de outros como Diane Arbus, Walker Evans, Garry Winogrand e Robert Frank. Até sua morte, porém, nos anos 90, ela viveu na completa obscuridade.

Sua obra ganhou notoriedade depois que o historiador John Maloof comprou os negativos em uma casa de leilão em 2007, na cidade de Chicago (EUA), com inúmeros registros que ela produziu em diversas cidades, essencialmente em Chicago e New York, durante os quarenta anos em que viveu nos Estados Unidos.

Filha de uma francesa e de um austríaco que se separaram quando Vivian Maier era bebê, a fotógrafa passou sua infância e adolescência na pequena cidade francesa de Saint-Julien-en-Champsaur, onde começou a fotografar em 1949 com uma câmera amadora. Acreditava-se que o talento para a fotografia teria se desenvolvido ainda quando pequena, nos EUA, influenciada pela retratista Jeanne Bertrand, amiga de sua mãe. Com 25 anos (em 1951) Maier voltou para Nova York, passando desde então a fotografar e trabalhar como babá até o fim da vida. “Sua coleção, hoje, tem quase 150 mil negativos (boa parte ainda não escaneada), além de mais de 3.000 fotos impressas, centenas de rolos ainda não revelados e filmes de 8 mm gravados por ela” (Fraia, 2014).

John Mallof tem se encarregado de difundir a obra de Maier pelo mundo. Produziu vários livros e foi responsável por um documentário, *Finding Vivian Maier* (2013), que traz entrevistas com 90 pessoas que conviveram com ela, a maioria pessoas das famílias com as quais ela trabalhou nos EUA e conhecidos da época em que ela morava na França.

Vivian carregava sua vida com ela. Guardava tudo trancado em caixas nos seus aposentos. Pilhas de caixas. Pilhas de jornais. Ela acumulou de tudo. Guardou cada pequena coisa que juntou ao longo da vida. Cheques de imposto de renda não descontados do governo, totalizando milhares de dólares, cupons, notas fiscais, folhetos, passagens de ônibus e trens, chapéus, sapatos, bolsas e casacos. Ela mantinha suas fotos, centenas de milhares delas, e centenas de gravações em película cinematográfica no sótão das casas onde vivia e trabalhava, separados do mundo por um armário trancado. As fotos, nunca mostradas a ninguém, eram reveladas no banheiro de seu quarto convertido em câmara escura (Radar, 2014, s/ p).

Trabalhava como babá e todos os dias, ao que indica, produzia fotos. Aparentemente não estudou formalmente fotografia, mas produziu

mais de 100 mil imagens entre 1950 e 1990 coletadas em dezenas de países, principalmente nos EUA.

Aqueles que conviveram com a babá contam no documentário *Finding Vivian Maier* que ela era uma pessoa de hábitos excêntricos, vida reservada e misteriosa. Viveu de maneira privada, provavelmente nunca se casou, não teve filhos nem nutriu muitas amizades. Eis “[...] alguém que existe unicamente nas coisas que viu”, escreveu Geoff Dyer, no prefácio da obra *Vivian Maier: uma fotógrafa de rua* (In: Maloof, 2014, p. 8).

No documentário de Mallof Maier é descrita como “intransigente, mas brincalhona, infinitamente curiosa ainda que reservada e, algumas vezes, cruel” (Fraia, 2014). Dyer afirma que ela, como babá ou governanta, “figura clássica da ficção vitoriana”, era “uma estranha cujo acesso à vida doméstica permite o desenvolvimento, como nenhum outro, do dom da observação”.

Dyer a cita como uma mulher “solitária, de aparência excêntrica, embrulhada em sobretudos, abrigando o segredo de uma vida inteira, intuído pela dádiva do escrutínio momentâneo da câmera” (p. 9). O discurso da estranheza, do mistério, da não adequação de Maier aos padrões impostos às mulheres de sua época (a maternidade, o casamento) está bastante presente tanto no livro quanto no filme organizados por Maloof.

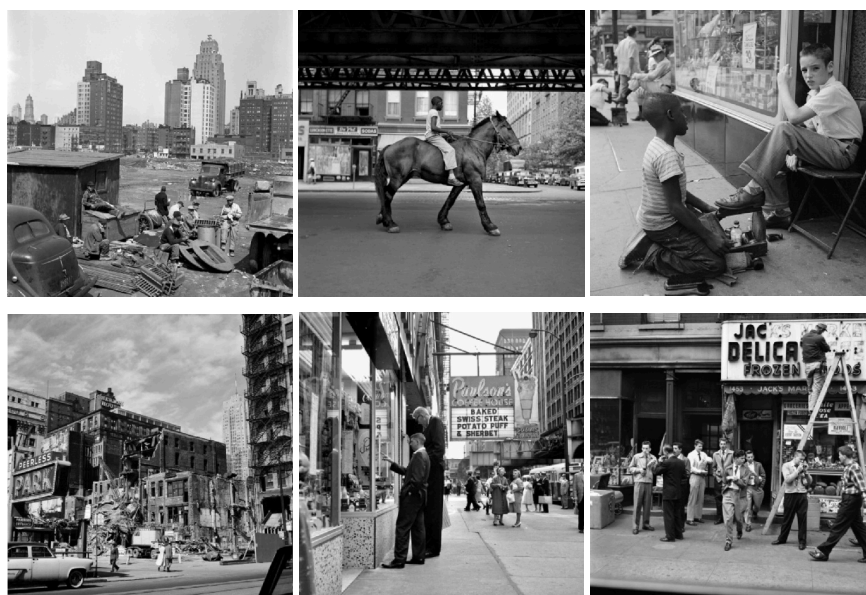
Ao emoldurar a cidade, as imagens fotográficas e filmográficas de Vivian Maier revelam conhecimento sobre o local onde ela viveu, seus personagens e sobre ela mesma. Ao registrar o cotidiano da cidade moderna, ela demonstra um olhar curioso e humanizado sobre o habitar das ruas, sobre as vidas que por ali circulam. No livro *Vivian Maier: uma fotógrafa de rua* (Maloof), a fotógrafa apresenta, em cenas aparentemente banais ou extremamente inusitadas, a dinâmica da cidade, com sua beleza, humor, contrastes sociais e toda a complexidade que definem o cotidiano da metrópole.

Em seus registros optava ora por imagens coletivas, de pessoas nas ruas, ora pelo retrato individual: um close de um mendigo, um negro, um deficiente físico, um trabalhador, uma mulher elegantemente vestida, um casal de namorados, uma criança ou um idoso costumavam atrair sua atenção. Os personagens de Maier muito parecem revelar de si e de sua história por meio de seus trajes, gestos e olhares,

conforme mostra o site oficial com seu trabalho (<http://www.vivian-maier.com/gallery/street>).

As imagens de Maier mostram a relação das pessoas com a arquitetura, o desenvolvimento urbano, o trabalho, o lazer, além de revelar problemas gerados pelo avanço do capitalismo, como pobreza e destruição de marcos históricos da cidade, que dá lugar às edificações modernas. Sua fotografia registra, por exemplo, um grupo de homens que observa de costas um prédio em demolição, um cavalo que transita pela metrópole e o menino que trabalha como engraxate na cidade que se urbaniza, além de toda sorte de curiosidades que se apresentavam diante dos olhos de Maier. A cidade moderna convive com a decadência urbana, com o desgaste das estruturas.

Figuras 1,2,3,4,5,6 – Fotografias de rua de Vivian Maier



Fonte: Site oficial sobre Vivian Maier.

Disponível em: <<http://www.vivianmaier.com/gallery/street>>.

Acesso em 01 de agosto de 2016.

As influências de Maier eram tão variadas quanto seus objetos de estudo. O jornalismo, por exemplo, exercia influência sobre seus temas, e sua estética (Mallof, 2013). O olhar de Maier era formado também pela estética da sétima arte. Freqüentadora assídua de cinemas, tinha predileção por filmes que terminavam de forma inusitada ou catastrófica, conforme mostram relatos do documentário “*The Vivian Maier Mystery*” (2013), da BBC dirigido por Jill Nicholls. O filme traz

também diversas pistas sobre seu comportamento, rotina e trabalho como fotógrafa e babá. Maier frequentava exposições e aprendeu fotografia como autodidata. Ela mesma teria apontado o uso do contraste entre luz e sombra. Estima-se que Maier teria produzido 700 rolos de filmes, 200 rolos de PB não revelados.

Seu trabalho é descrito como olho autêntico. Para o crítico e curador Rubens Fernandes Junior, conforme Fraia (2014), “Há em suas fotos um olhar terno, generoso, que busca incessantemente o diálogo. Sua composição nem sempre é óbvia, e sua luz é muito trabalhada, o que denota um amplo conhecimento do ofício”. No New York Times, David W. Dunlap escreveu que “As paisagens urbanas da senhorita Maier conseguem captar ao mesmo tempo a forte marca local e os momentos paradoxais que dão à cidade o seu pulso”. O olhar para a cidade é uma marca tanto das imagens estáticas quando das imagens em movimento produzidas por ela.

Argumentação

Para além da fotografia, o cinema de Vivian Maier

Além da fotografia, em seus filmes e fitas cassetes Maier registrava o universo que a cercava. Produziu vários filmes sobre ela mesma e com as crianças, as quais costumava levar para o centro da cidade, onde tinham contato com uma realidade social diferente da sua. Era uma poeta observando o mundo com uma visão especial, subjetiva. Fotografava pessoas com sentido de solidão e luta pela sobrevivência. Era capaz de captar a emoção de uma pessoa aleatória na rua, conforme aponta o filme da BBC.

O exercício da fotografia parecia preencher sua existência e para isso dedicava toda a sua vida. Ela queria estar livre para dedicar-se aos projetos fotográficos. A fotógrafa, espiã, detetive da cidade, a *flâneur*, a transeunte queria alcançar, com sua vista, muitos lugares e pessoas. Essa necessidade de grandes deslocamentos a levou, em 1959, a empreender uma viagem de oito meses pelo mundo (Maloof, 2013, *s/p*), por conta própria, acompanhada por sua câmera.

Escolheu ser babá para poder exercer a fotografia na rua. Para deslocar-se por longos trechos a fim de exercer a fotografia, buscava empregos distantes do centro da cidade. Todo o tempo de que dispunha, seja durante o trabalho ou dias de folga, era aproveitado para

captar imagens, “fotografando o que via, como num diário” (Harazim, 2013, s/p).

Ela foi uma pioneira em sua atividade de fotógrafa. “Nos anos 50 ninguém fotografava”, dizia o prefeito da cidade francesa onde ela nasceu, no filme de Mallof (Mallof, 2013). Maier e outros consagrados fotógrafos de rua, como Henri Cartier-Bresson e Bruce Gilden, são apontados como importantes “representantes de *flâneurs*, inseridos em épocas e culturas diferentes, com trabalhos fotográficos realizados sobretudo nas ruas, e que tem o acaso como parte presente em suas imagens”, conforme destaca a pesquisa de Luis Fernando Frandoloso (2015, p.16).

As imagens produzidas por ela atuam como memória, ou seja, são como “prova forense de um detetive de rua, tal como Benjamin concebeu a fotografia do final do século XIX” (Brondo, 2013, s/p). Ao registrar a cidade moderna (Nova York e Chicago), sua fotografia atua como “memória fragmentada da vida” (Brondo, 2013, s/p) nas cidades norte-americanas da segunda metade do século XX que foram alçadas à condição de capitais da modernidade a partir dos anos trinta, assim como ocorreu com Paris no século XIX, conforme assinalou Benjamin.

Cláudia Mariza Mattos Brandão (Brandão, p. 1, 2016) ressalta que Maier construiu sua autobiografia a partir das imagens produzidas na movimentação por várias cidades e países, de forma anônima. “Presença essa que se multiplica em reflexos do e no mundo. Alguém que se integra à paisagem, metamorfoseada pelas formas da realidade de seu tempo histórico”, considera a pesquisadora (p. 11).

Como alguns estudos sugerem, a fotografia de Vivian Maier é um registro pulsante da cultura, principalmente a partir dos anos 50 nos EUA. É memória da cidade, memória da vida vivida pela fotógrafa. Buscamos, portanto, centrar na forma como Maier construiu suas imagens, no entendimento da sua obra para além da imagem da fotógrafa construída por Mallof e outros pesquisadores. O foco é em um filme produzido por ela, nos objetos culturais presentes e nos sentidos neles instituídos. As informações sobre a vida da fotógrafa, seu cotidiano, suas práticas, sua personalidade e aspectos sociais e culturais do seu entorno são empregadas no intuito de clarear questões que estão para além da superfície da imagem.

Análise de um filme– o olhar de Vivian Maier

O filme analisado nesse estudo, assim como boa parte da produção fotográfica de Vivian Maier, centra-se em seu olhar sobre a cidade. Trata-se de uma produção de 8mm na qual Maier captura cenas do cotidiano urbano de Chicago. O filme tem início com a partida de um trem, dentro do qual a fotógrafa/cineasta se encontra e de onde começa a captar imagens. Após uma curta sequência, a câmera de Maier conduz o olhar do espectador para dentro de uma rua movimentada da cidade.

A sensação de impulso dado pelo movimento inicial do trem mantém-se por todo o filme. Através de contrastes entre imagens estáticas e em movimento, entre cores brandas e fortes, a câmera de Maier aponta detalhes dos espaços filmados e abre brechas ao espectador, cujo olhar é levado a questionar e intuir possíveis buscas e interesses da fotógrafa, além de imaginar histórias estimuladas por sua narrativa.

O olhar estrangeiro de Maier observa, questiona, busca, imagina. É a partir dessa visão da imagem como busca, diálogo e conhecimento que entramos em contato com seu universo pessoal e o contexto histórico em que ela viveu. Partimos, portanto, de uma visão da imagem como complexidade, que busca indagar o real e pensar as metáforas que as imagens produzem.

Nas imagens produzidas por Maier o exercício de observação de cidades se abre para diversos níveis e aspectos podendo perpassar áreas do conhecimento, como cultura, tecnologia, História, dentre outros, ou mesmo interesses pessoais e experiências daqueles que se propõem a observar. A partir de questionamentos, detalhes e movimentos ganham destaque, abrem caminhos, geram histórias.

Como explica Edgar Morin (2001),

À primeira vista, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então a complexidade apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... (Morin, 2001, p.13).

A complexidade não é um método de sínteses, mas de questionamentos. Não sabemos exatamente as perguntas que Maier teria imaginado à cidade enquanto a observava. Ao nos colocar dentro do espaço urbano, vemos sua câmera captar elementos que se inserem na paisagem de acordo com sua construção imagética pessoal. Enfim, nosso olhar segue o seu olhar. A partir de metáforas presentes em suas imagens e amparados por pontos conhecidos de sua bibliografia, procuramos pistas que indiquem seus possíveis questionamentos, buscas e impressões.

A câmera atua como ponto de partida, posto que Maier explora os aspectos “inumanos” da lente, seja a da câmera fotográfica ou da câmera 8mm. A lente e o enquadramento não são os mesmos do olho humano, assim como não o são filtros e abertura para colorir - ou não - a imagem gravada. Com a mecânica do olho da câmera, a fotógrafa transformada em filmadora compõe um novo modo de olhar o espaço urbano, destacando possíveis novos campos geométricos, que são visualmente complexos.

O filme tem início com uma câmera inquieta pronta para registrar a paisagem percorrida pelo trem prestes a sair.

Figura 7



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

A inquietude indica o ritmo que será mantido ao longo do filme. Não há texto escrito ou falado, a narrativa é projetada a partir do que lente capta, ou seja, são as imagens que geram conhecimento sobre a cidade. O trem percorre a fachada de construções, revela a paisagem que será preenchida pelo movimento da cidade e, ao entrar na estação, faz com que a tela escureça. As linhas geométricas nas imagens de Maier acentuam as relações de movimento que serão mantidas ao longo do filme.

Figuras 8,9



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

O movimento não cessa e, ato contínuo, nos encontramos em uma rua movimentada no centro da cidade de Chicago. A imagem do túnel transforma-se em espécie de claque da cena, de mudança de cenário, anúncio de um novo espaço, uma metáfora do deslocamento do olhar de Maier, sempre pronto a investigar o outro lado da cidade, outros universos. Assim, ao acompanhar o caminhar de mulheres carregando suas sacolas, indica-se que a câmera entrou no fluxo dos passantes (Fig. 4).

Figura 10



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

Pessoas somam-se ao campo da lente, acrescentando cores, formas e diversidade próprias ao ritmo incessante da cidade. Elementos urbanos se incorporam ao movimento da câmera, que não cessa.

Fig. 11,12,13,14



Figuras 15, 16, 17, 18



Fonte: *Print screen* do do filme *8mm* de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

A câmera de Maier está associada ao trem. Como metáforas do movimento e da tecnologia, ambos perfuram e recompõem a paisagem urbana. Vagões, carros, ônibus e pessoas em movimento são enquadrados em contraste com objetos imóveis, buscando sempre uma simbiose entre as linhas resultantes do choque visual. As linhas podem aparecer por meio do contraste entre móvel e estático, destacando uma espécie de “física do olhar”: uma cadeia de casas formada na janela do trem em movimento; uma pista de luzes que ocorre na escuridão dos trilhos.

Maier ressalta a síntese do contraste também por meio de uma sofisticada oposição feita a partir do próprio desenho estético da carcaça de ônibus em relação a pessoas e vitrines de lojas. Os relevos e desenhos dos chassis encontram roupas e chapéus, então ondulando a paisagem urbana com promessas de metal e tecido que parecem transformar-se em praias e dunas.

As ações repetidas – locomoção e consumo - funcionam como metáforas para o cotidiano. Se, por um lado, seu olhar se dá conta da

recorrência de ações, por outro, as leves desacelerações da câmera e a atenção dedicada a alguns elementos indicam que a sensibilidade de Maier fornece brechas que se desdobram em histórias paralelas. Seu olhar se abre para o imprevisível do cotidiano, para a descoberta, como em um momento no qual algumas pessoas olham para cima e a câmera de Maier rapidamente investiga o que lhes chama a atenção (Fig. 8, 9). Em outro momento, uma mulher que caminha de costas, de repente, para e atrai o olhar curioso da câmera. (Fig. 11,12, 13, 14). A rotina da metrópole, que poderia ser interpretada como uma série de ações que se repetem sempre, é, conforme o olhar sugestivo de Maier, apresentada de forma complexa, repleta de indagações sobre personagens, cenários, instigando possíveis histórias.

Figuras 19, 20



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=3>





Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDJCwxsE&t=3>

Como espectadores, embarcamos no movimento. Mediados pelo olhar da cineasta, associamos imagens e, nesse movimento dialógico, conforme o pensamento de Morin (2001, 2001, 2011), partimos de elementos diversos e aparentemente sem relações para, aos poucos, tecer conexões. O princípio dialógico proposto por Morin implica na relação entre ideias antagônicas, porém complementares. Impulsionados por Maier, nosso olhar se torna atento, aberto a acasos, interações e associações sem perder o ritmo, contaminados pelo movimento inquieto e atento que ela provoca com seu filme.

Enquanto observamos uma vitrine, o trânsito de pessoas continua e é captado pela câmera através do reflexo do vidro da loja, mostrando que nada escapa ao olhar curioso, investigativo de Maier. Como o tecido disposto na vitrine, imagens aparentemente desconjuntadas vão sendo associadas e costuradas gerando possibilidades de construções narrativas. Metáfora da metrópole, onde tudo acontece e onde histórias se entrelaçam, se sobrepõem, se conectam (Fig. 10). Metrópole habitada pelo homem negro e pelo homem branco, pela moda simbólica de uma época, ocupada pelos novos tipos de serviços e comércio, pela informação exposta na banca de jornal, pelo entretenimento proporcionado pelo cinema. Maier também informa, com seu filme, sobre a história de uma época, seus personagens, hábitos e costumes.

Figura 25



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

Observamos por alguns instantes algumas mulheres conversando e imaginamos os assuntos, uma forma de exercício dialético que conecta o documentário como busca de representar o real e as histórias imaginárias permeadas de real. Realidade e imaginário se confundem.

Figura 26



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier) <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

O movimento da câmera desacelera a cada cena, propaganda, ou detalhe que parece chamar a atenção de Maier. Nosso olhar acompanha seu olhar. Seu olhar investiga a cidade e nós investigamos seu olhar. Procuramos brechas, trilhas, recorrências.

O interesse da fotógrafa por cinema é ressaltado algumas vezes quando sua câmera passa mais vagarosamente pela fachada de cinemas. A partir de sua história de vida, porém, um dos títulos da cena capturada pela câmera de Maier ganha importância e nos leva a, enquanto espectadores, procurar conexões e intuir seus pensamentos. Trata-se do filme "*Weekend with the baby-sitter*", Don Henderson, (1970), no qual um pai de família de meia idade se apaixona pela babá de seus filhos. As diferenças na paisagem e a proximidade da câmera indicam a atenção de Maier em relação ao filme.

Figuras. 27,28,29



Figuras 12, 13, 14



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier. <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

Aos poucos, o olhar espontâneo e entregue ao acaso começa a revelar seus interesses e sua relação com a cidade. Como espectadores, seguimos o olhar de Maier, que nos convida a participar.

Sua filmadora extrai novos sentidos, que ocorrem a partir da junção mecânica da complexidade de movimento urbana. Sentido, neste caso, entendido como aquilo que Jacques Rancière em *A fábula cinematográfica* (2013) menciona como instrumental à era da arte estética, em oposição à da arte representativa: a atitude crítica em relação ao objeto representado. Rancière tem seu eco no escritor Octavio Paz, que afirmou em *Os Filhos do Barro*: “pelo menos metade da história da poesia moderna é a fascinação que os poetas sentiram pelas construções da razão crítica” (Paz, 2014, p.49). A câmera de Maier funciona como a pena dos críticos construindo novos sentidos diante de objetos que não mais serão pensados a partir de suas simples descrições.

Maier era uma mulher solitária e penetrar, por meio de sua câmera, na vida urbana, parece ter sido uma maneira de ela se relacionar e lidar com suas questões íntimas. Motivada por subjetividades e instrumentada por transformações tecnológicas, Maier busca, como um *flâneur*, registrar o que lhe aparece diante dos olhos. Assim como os

espaços da cidade vão sendo preenchidos pelo progresso da urbanização, a câmera de Maier vai captando imagens, fazendo registros, criando sentidos e preenchendo possíveis histórias, que nós, enquanto espectadores, podemos apenas intuir a partir do que conhecemos de sua vida.

Dyer afirma que ela, como babá ou governanta, “figura clássica da ficção vitoriana”, era “uma estranha cujo acesso à vida doméstica permite o desenvolvimento, como nenhum outro, do dom da observação”. Isso se reflete no filme de Maier. Como uma estranha, ela perfura a vida urbana de Chicago por meio da tecnologia. Seu olhar curioso busca detalhes, brechas e deixa rastros. A complexidade se reflete nos paradoxos. Existe uma fronteira entre Maier e as pessoas que vão preenchendo a tela. Sem alterar movimentos e acontecimentos, sua câmera capta e costura.

A câmera de Maier representa a tecnologia penetrando na paisagem urbana e operando paradoxalmente. Se, por um lado, observa e não modifica a paisagem, por outro, promove brechas, alcançando ângulos, questionando, imaginando, conectando.

A tecnologia aproxima a fotógrafa da vida urbana, uma pessoa solitária. Podemos intuir que Maier se apropriou de sua câmera como ponte para lidar com sua solidão. As imagens captadas de interiores e exteriores atuam como metáforas para um provável desejo de penetrar em vidas e construir narrativas. (Fig. 16 à 23)

Buscando por meio da câmera que se aproxima sem ser vista, participa de modo peculiar construindo sua existência por meio de seus registros cinematográficos, um arquivo que permanece e resiste ao longo do tempo, nos conectando a ela e a Chicago daquela época, às suas histórias.

Figuras 30, 31,32,33,34,35,36



Fonte: *Print screen* do do filme 8mm de Vivian Maier) <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE&t=34s>

Observa-se a recorrência nas imagens de Maier da presença de reflexos e jogos de luz que demonstram o interesse e o cuidado da fotografa em captar contrastes e movimentos ao construir narrativas.

Figuras 37,38,39



Figura 40



Fonte: *Print screen* do do filme *8mm* de Vivian Maier <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxE&t=34s>

Conclusão

Ainda que aparentemente suas imagens não seguissem roteiros, planejamento ou edição, e mesmo não tendo sido uma fotógrafa ou cineasta profissional com a intenção de produzir uma obra de arte, a potência das imagens de Maier se abre para reflexões e questionamentos. Apresentam, portanto, peculiaridades que dirigem nosso olhar, e seu filme nos revela metáforas e paradoxos que são aspectos da complexidade.

A possibilidade de estar ao mesmo tempo presente e ausente lhe é conferida, em seu filme, pela tecnologia. Observadora distante, entretanto, Maier prefere colocar a cidade dentro dos enquadramentos de sua câmera para a transformar, como uma espécie de demiurga visual.

Por meio de seus enquadramentos, entramos em contato com o objeto de interesse da fotógrafa: imagens que deem acesso à cidade de maneira peculiar. Nesse sentido, Maier assume a posição de espectadora que se interessa pela efervescência de Chicago e, mesmo sem a intenção de produzir uma obra de arte, media nosso olhar.

A peculiaridade da cidade visualizada pela câmera de Maier ocorre através da justaposição de imagens estáticas e imagens em movimento, cores brilhantes e tons sóbrios. Novamente, ressalte-se o papel da tecnologia no uso de filtros que se traduzem em visões particulares da cidade. Dessa maneira, o filme de Maier representa uma metáfora de narrativas da cidade e seus elementos, que passam a interagir e promover possíveis conexões, a partir da forma como são capturados. Temos acesso ao que chama a atenção da fotógrafa/cineasta, e a maneira como as imagens são captadas.

Desde o início do filme, vemos o interesse de Maier em produzir imagens além do que o olhar cotidianamente capta. O contraste entre o movimento inicial do trem e as casas que vão surgindo na janela (uma dupla janela: a do trem e a da câmera) introduz a recorrente mescla de imagens estáticas (fachadas de cinema, vitrines, estabelecimentos comerciais) e de movimento (pessoas que transitam pela cidade). As imagens captadas pela câmera da fotógrafa nos levam a indagar o que ela procurava ao produzi-las. Estamos, portanto, diante de situações “reais”, já que tais imagens não são planejadas, construídas ou modificadas a priori, ainda que promovam conexões e abram-se a acasos. Os ângulos capturados por Maier, no entanto, constroem uma crônica pessoal diante da paisagem urbana de Chicago.

Note-se que, observados isoladamente, os elementos do filme (fachada de cinema, pessoas conversando, veículos) não teriam os mesmos sentidos que ganham a partir das associações que Maier nos proporciona. Ainda que não possamos afirmar as intenções da fotógrafa/cineasta, suas imagens apresentam peculiaridades que dirigem nosso olhar e se abrem para associações e conexões, que têm seu sentido reforçado quando olhamos para sua história de vida.

Conforme indicamos anteriormente, o pensamento complexo não é um pensamento de síntese. Logo, nossa intenção nesse estudo não é apresentar sínteses ou afirmar as intenções de Maier a partir de suas imagens... A partir desses elementos, e com base em informações sobre sua história de vida, procuramos complexificar as imagens de Maier, que, como metáforas, abrem brechas a sentidos e narrativas.

Maier nunca expôs seu trabalho. Diante disso, entendemos que seu interesse era o de um flaneur que, atento à paisagem e ao movimento, registra aquilo que observa. Como um encaixe duplo, seu olhar a coloca na posição de espectadora e nós nos colocamos como seus espectadores, seguindo seu olhar e nos atendo a detalhes que possam fornecer pistas para produzir questionamentos: haveria intenção ou planejamento em mesclar imagens estáticas e imagens em movimento? Tal movimento poderia ser uma metáfora para seu desejo de preencher algo inexistente em sua vida? Teria a fotógrafa assistido aos filmes cujos títulos foram registrados por sua câmera? Seriam tais imagens uma forma de interação social?

Nota-se, sobretudo, que a relação de Vivian Maier com a câmera expressa a evolução histórica, social e estética que a fotografia atravessou. Da imagem estática à imagem em movimento, o olhar de Maier, mediado pela câmera, registrou transformações comportamentais, tecnológicas e narrativas de sua época. Como fotógrafa, cineasta e flaneur, o olho de Maier, mediado por sua câmera, captura movimentos urbanos para além da materialização de recordações imagéticas das famílias com as quais conviveu.

O desejo de preservar memórias se justapõe ao movimento presente nos registros de Maier. Se, por um lado, suas imagens retratam um tempo já ultrapassado, por outro, o movimento é indicação não apenas de avanços tecnológicos (que possibilitam suas imagens), como também um convite à expansão e imaginação (ações carregadas de movimento). Esse paradoxo perpassa seu filme.

Não temos a pretensão de encontrar respostas ou afirmações definitivas a respeito das intenções e buscas de Maier. A importância atribuída ao seu trabalho, porém, revela o valor de suas imagens. Enquanto espectadora, Maier torna-se objeto de nosso olhar também de espectadores. Diante dessa metáfora paradoxal percorremos, assim como Maier, imagens às quais temos acesso. Se, por um lado, nos

colocamos ao lado de Maier enquanto espectadores, por outro, nosso olhar é mediado pelo olho de sua câmara.

Referências

Brandão, Cláudia Mariza Mattos (2016). *Universos imaginados: sobre identificaciones reflex(ivas)*. VII Congreso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica. UFMT. 17 a 20/07/2016. Cuiabá.

Brondo, Elsa Rodríguez (2013). Vivian Maier, la mirada de autor y la mirada social. Dossier: imágenes en reposo: fotografía y cine. *Revista Acta poética*. Vol.34, nº .1 Jan./Jun. Universidad Nacional Autónoma de México. Instituto de Investigaciones Filológicas.México.

Català, Domènec Josep M (2011). *A forma do real: introdução aos estudos visuais*. Trad. Lizandra Magon de Almeida. São Paulo: Summus 270 pp.

s.a. (2005). *La image compleja: la fenomenología de las imágenes en la era de la cultura visual*. Universitat Autònoma de Barcelona. Servei de Publicacions. Manuals de la Universidad Autònoma de Barcelona. Belaterra.

Fraia, Emilio (2014). *A descoberta do tesouro Vivian Maier*. Disponível em:<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/06/1469934-a-descoberta-do-tesouro-vivian-maier.shtml>. Acesso em: 3 mai. 2016.

Frndoloso, Luis Fernando (2015). *Das mudanças nas práticas e processos fotográficos em Função dos dispositivos tecnológicos: Uma análise da flânerie ao longo de três séculos*. Dissertação apresentada ao programa de Pós- Graduação em Comunicação e Linguagens, da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. Disponível em <http://tede.utp.br:8080/jspui/handle/tede/255>

Harazim, Dorrit (2013). O enigma Vivian Maier – Parte I. *Revistazum*. Disponível em: <http://revistazum.com.br/colunistas/o-enigma-vivian-maier/>. Acesso em: 29 agosto de 2015.

Harazim, Dorrit (2013). O enigma Vivian Maier – Parte II. *Revistazum*. Disponível em: <http://revistazum.com.br/colunistas/o-enigma-vivian-maier-parte-ii/>. Acesso em: 29 agosto de 2015.

Maloof, John (coordenação) (2014). *Vivian Maier: uma fotógrafa de rua*. São Paulo: Autêntica.

Morin, Edgar ((2011). *O método 4: As ideias, habitat, vida, costumes, organização*. Tradução Juremir Machado da Silva. 5a Ed., Porto Alegre: Sulina.

s.a. (2001). *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Dulce Matos. 3a Ed., Lisboa: Instituto Piaget.

s.a. (2002). *Ciência com Consciência*. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice A. de Sampaio Doria. 15a Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Paz, Octavio (2014). *Os Filhos do Barro*. Tradução Ari Roitman e Paulina Wacht. 2a Ed., São Paulo: Ed. Cosacnaify.

Radar(2013). Documentário sobre Vivian Maier, a babá fotógrafa, estreia hoje nos Estados Unidos. *Revista Zum*. Disponível em <http://revistazum.com.br/radar/encontrando-vivian-maier-documentario-estreia-hoje-nos-eua/>. Acesso em: 01 de agosto de 2016.

Rancière, Jacques. *A fábula cinematográfica*. Tradução Christian Pierre Kasper. 1a Ed., Campinas: Ed. Papirus, 2013.

Documentários

Vivian Maier 8 mm Home Movie. 12m. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nXASDjCwxsE>. Acesso em 18 de junho de 2019.

Beck, Katie. *Vivian Maier: A life's lost work seen for first time*. 2001. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/world-us-canada-12247395>. Acesso em: 1 nov. 2014.

Finding Vivian Maier. Direção de Charlie Siskel e John Mallof. EUA: 2013. 1:35:26. Disponível em <http://www.megafilmesxhd.net/a-fotografia-oculta-de-vivian-maier/>. Acesso em 13 de junho de 2016.

Fotografias

Site oficial sobre Vivian Maier. Disponível em: <http://www.vivianmaier.com/gallery/self-portraits/#slide-40>. Acesso em 10 de maio de 2016.